

## III.5. Spettri della modernità: avanguardie e modernismi in Portogallo

**Testo 5.4 Almada Negreiros, *ULTIMATUM FUTURISTA Às gerações portuguesas do século XX* (1917) in *Obra completa*, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1997, pp. 649-655.**

A guerra intensifica os instintos e as vontades e faz gritar o Génio plo contraste dos incompletos.

É na guerra que se acordam as qualidades e que os privilegiados se ultrapassam. É na violência das batalhas da vida e das batalhas das nações que se perde o medo do perigo e o medo da morte em que fomos erradamente iniciados. A vida pessoal, mesmo até a própria vida do Génio, não tem a importância que lhes dão os velhos; são instantes mais ou menos luminosos da vida da humanidade. Todo aquele que conhece o momento sublime do perigo tem a concepção exacta do ser completo e colabora na emancipação universal porque intensifica todas as suas mais robustas qualidades na iminência da explosão. E na nossa sensibilidade actual tudo o que não for explosão não existe. É mesmo absolutamente necessário prolongar esse momento de perigo até durar intensamente a própria vida. Todo aquele que se isolar desta noção não pode logicamente viver a sua época: é um resto de séculos apagados, atavismo inútil, e no seu máximo de interesse representa quando muito, a memória de uma necessidade animal de dois indivíduos e... basta. [...]

A guerra por razões de número e de tempo, acaba com todo o sentimento de saudade para com os mortos fazendo em troca o elogio dos vivos e condecorando-lhes a Sorte.

A guerra serve para mostrar os fortes e salvar os fracos.

Na guerra os fortes progridem e os fracos alcançam os fortes.

Portugal é um país de fracos. Portugal é um país decadente:

1 – Porque a indiferença absorveu o patriotismo.

2 – Porque aos não indiferentes interessa mais a política dos partidos que a própria expressão da pátria, e sucede sempre que a expressão da pátria é explorada em favor da opinião pública. Não é o sentimentalismo desta exploração o que eu quero evidenciar. Eu quero muito simplesmente dizer que os interesses dos partidos prejudicam sempre o interesse comum da pátria. Ainda por outras palavras: a condição menos necessária para a força de uma nação é o ideal político.

3 – Porque os poetas portugueses só cantam a tradição histórica e não a sabem distinguir da tradição-pátria. Isto é: os poetas portugueses têm a inspiração na história e são portanto absolutamente insensíveis às expressões do heroísmo moderno. Donde resulta toda a impotência para criação do novo sentido da pátria.

4 – Porque o sentimento-síntese do povo português é a saudade e a saudade é uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes. O fado, manifestação popular da arte nacional, traduz apenas esse sentimento-síntese. A saudade prejudica a raça tanto no seu sentido atávico porque é decadência, como pelo seu sentido adquirido porque define e estiola.

5 – Porque Portugal não tem ódios, e uma raça sem ódios é uma raça desvirilizada porque sendo o ódio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo

uma consequência do domínio da vontade, portanto uma virtude consciente. O ódio é um resultado da fé e sem fé não há força. A fé, no seu grande significado, é o limite consciente e premeditado daquele que dispõe duma razão. Fora desse limite existe o inimigo, isto é, aquele que dispõe de outra razão.

6 – Porque a constituição da família portuguesa não obedecendo, unânime ou separadamente a nenhum princípio de fé é o nosso descrédito de nação da Europa. Desde a educação familiar até depois da educação oficial inclusive o casamento a desordem faz-se progressivamente até à putrefacção nacional. E tudo tem origem na inconsciência com que cada um existe: em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta à repartição. Do estado de solteiro para o estado de casado dá-se exclusivamente, na nossa terra, uma mudança de hábitos.

Em Portugal educar tem um sentido diferente; em Portugal educar significa burocratizar. Exemplo: Coimbra. Mas na maioria o português é analfabeto e em geral é ignorante; na unanimidade o português é impostor, prova evidente de deficientíssimo.

7 – Porque a desnacionalização entre nós é uma verdade, e pior ainda, sem energias que a inutilizem nem tentativas que a detenham:

- a) O português com todas as suas qualidades de poliglota desnacionaliza-se imediatamente fora da pátria, e até na própria pátria, porque (com o nosso desastre do analfabetismo) a nossa literatura resume-se em meia dúzia de bem intencionados académicos cuja obra, não satisfazendo ambições mais arrojadas, obriga a recorrer às literaturas estrangeiras. Resultado: ainda nenhum português realizou o verdadeiro valor da língua portuguesa.
- b) O português educado sem o sentimento da pátria e acostumado à desordem dos governos criou por si a compensação inútil de dizer mal dos governos e nem poupou a pátria. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de inteligência ou de ter viajado dizer mal da pátria. Isto deixa de ser decadência para ser a própria impotência física e sexual.
- c) O português assimila de preferência todas as variedades de importação e em descrédito das próprias maravilhas regionalistas; o comércio e a indústria têm quase sempre de se mascararem de estrangeiros para serem eficazmente rendosos. É porque todas essas variedades da importação cumprem mais exactamente as exigências dos mercados do que os nossos comércios e indústrias regionalistas. Estas não satisfazem nem as necessidades nem as transformações sucessivas das sociedades, enquanto que a importação aparece sempre como uma surpresa e, sobretudo, obedecendo a todas as condições do que é útil, prático, actual e necessário. De modo que nem chega a haver a luta — a importação entra logo com o rótulo da vitória.

8 – Porque Portugal quando não é um país de vadios é um país de amadores. A *fé da profissão*, isto é, o *segredo do triunfo dos povos*, é absolutamte alheio ao organismo português do que resulta esta contínua atmosfera de tédio que transborda de qualquer resignação. Também o português não sente a necessidade da arte como não sente a necessidade de lavar os pés.

E a Literatura com todo o seu gramatical piegas e salista, diverte mais as visitas do que a necessidade de não ser ignorante. Daqui a miséria moral que transparece em todas as manifestações da vida nacional e em todos aspectos da vida particular.

9 – Porque Portugal a dormir desde Camões ainda não sabe o novo significado das palavras. Exemplo: pátria hoje em dia quer dizer o equilíbrio dos interesses

comerciais, industriais e artísticos. Em Portugal este equilíbrio não existe porque o comércio, a indústria e a arte não só não se relacionam como até se isolam por completo receosos da desordem dos governos. A palavra aventura perdeu todo o seu sentido romântico, e ganhou em valor efectivo. Aventura hoje em dia, quer dizer: O Mérito de tentativa industrial, comercial ou artistica.

10 – Porque o aspecto geral dos tipos exala um estertor a podre. Portugal, uma resultante de todas as raças do mundo, nunca conseguiu a vantagem de um cruzamento útil porque as raças belas isolaram-se por completo. Exemplo: as varinas.

O português, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos a resignação, o fatalismo, a indolência, o medo do perigo, o servilismo, a timidez, e até a inversão. Quando é viril manifesta-se instintivamente animal a par do seu analfabetismo primitivamente anti-higiénico.

É preciso criar a adoração dos músculos contra o desfilar faminto e debilitado das instruções militares preparatórias números 1 a 50.

É preciso criar o espírito da aventura contra o sentimentalismo literário dos passadistas.

É preciso criar as aptidões *prò heroísmo moderno: o heroísmo quotidiano*.

É preciso destruir este nosso atavismo alcoólico e sebastianista de beira-mar.

É preciso destruir sistematicamente todo o espírito pessimista proveniente das inevitáveis desilusões das velhas civilizações do sentimentalismo. [...]

É preciso substituir na admiração e no exemplo os velhos nomes de Camões, de Vítor Hugo, e de Dante pelos Génios de Invenção: Edison, Marinetti, Pasteur, Elchrïet, Marconi, Picasso, e o padre português Gomes de Himalaia<sup>1</sup>.

FINALMENTE: é preciso criar a pátria portuguesa do século xx.

DIGO SEGUNDA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século xx

DIGO TERCEIRA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século xx.

Para criar a pátria portuguesa do século xx não são necessárias fórmulas nem teorias; existe apenas uma imposição urgente: Se sois homens sede Homens, se sois mulheres sede Mulheres da vossa época.

Vós, ó portugueses da minha geração, que, como eu, não tendes culpa nenhuma de serdes portugueses.

Insultai o perigo.

Atirai-vos *prà glória* da aventura.

Desejai o *record*.

Dispensai as pacíficas e coxas recompensas da longevidade.

Divinizai o Orgulho.

Rezai a Luxúria.

Fazei predominar os sentimentos fortes sobre os agradáveis.

Tende a arrogância dos sãos e dos completos.

Fazei a apologia da Força e da Inteligência.

Fazei despertar o cérebro espontaneamente genial da Raça Latina.

Tentai vós mesmos o Homem Definitivo.

Abandonai os políticos de todas as opiniões: o patriotismo condicional degenera e suja; o patriotismo desinteressado glorifica e lava.

Fazei a apoteose dos Vencedores, seja qual for o sentido, basta que sejam Vencedores. Ajudai a morrer os vencidos.

Gritai nas razões das vossas existências que tendes direito a uma pátria civilizada.

Aproveitai sobretudo este momento único em que a guerra da Europa vos convida a entrardes prà Civilização.

**1.** Padre Manuel António Gomes (1886-1933) soprannominato «Himalaia» fu scienziato e missionario. A lui si deve la invenzione della «hima-

laíte», un potente esplosivo. Gli altri riferimenti sono a figure nazionali (come Camões) e internazionali assai note.

La guerra intensifica gli istinti e le volontà e fa gridare il Genio per il contrasto degli incompleti.

È nella guerra che si accordano le qualità e che i privilegiati vengono vinti. È nella violenza delle battaglie della vita e delle battaglie delle nazioni che si perde la paura del pericolo e la paura della morte in cui siamo stati erroneamente iniziati. La vita personale, persino la vita stessa del Genio, non ha l'importanza che gli danno i vecchi; sono momenti più o meno luminosi della vita dell'umanità. Chiunque conosce il momento sublime del pericolo ha l'esatta concezione di essere completo e collabora per l'emancipazione universale perché intensifica tutte le sue qualità più robuste sul punto di esplodere. E nella nostra sensibilità attuale tutto ciò che non è esplosione non esiste. È anche assolutamente necessario estendere questo momento di pericolo finché duri intensamente la propria vita. Tutto quello che si isolerà da questa nozione non può logicamente vivere il suo tempo: si tratta di un residuo di secoli eliminati, inutile atavismo, e nel suo interesse massimo rappresenta quando molto, la memoria di un bisogno animale di due individui e... basta.

La guerra per ragioni di numero e di tempo, finisce con tutto il sentimento di nostalgia nei confronti dei morti facendo in cambio l'elogio dei vivi e insignendo loro la Fortuna.

La guerra serve per mostrare i forti, e salvare i deboli.

In guerra i forti progrediscono e i deboli raggiungono i forti.

Il Portogallo è un paese di deboli. Il Portogallo è un paese decadente:

1 – Perché l'indifferenza ha assorbito il patriottismo.

2 – Perché ai non indifferenti interessa più la politica dei partiti che la stessa espressione della patria, e succede sempre che l'espressione della patria è sfruttata in favore dell'opinione pubblica. Non è il sentimentalismo di questo sfruttamento quello che voglio evidenziare. Voglio molto semplicemente dire che gli interessi dei partiti pregiudicano sempre l'interesse comune della patria. In altre parole: la condizione meno necessaria per la forza di una nazione è l'ideale politico.

3 – Perché i poeti portoghesi cantano solo la tradizione storica e non la sanno distinguere dalla tradizione-patria. Cioè, i poeti portoghesi trovano ispirazione nella storia e sono quindi assolutamente insensibili alle espressioni dell'eroismo moderno. Ne consegue tutta l'impotenza per la creazione del nuovo significato della patria.

4 – Perché il sentimento-sintesi del popolo portoghese è la saudade e la saudade è una nostalgia morbosa dei temperamenti esausti e malati. Il fado, manifestazione popolare dell'arte nazionale, traduce appena questo sentimento-sintesi. La saudade pregiudica la razza sia nel suo senso atavico perché è decadenza, sia per il suo senso acquisito perché langue e si atrofizza.

5 – Perché il Portogallo non ha odio, e una razza senza odio è una razza svirilizzata, perché essendo l'odio il più umano dei sentimenti è allo stesso tempo una conseguenza del dominio della volontà, quindi una virtù cosciente. L'odio è un risultato della fede e senza fede non vi è forza. La fede, nel suo grande significato, è il limite cosciente e premeditato

di colui che dispone di una ragione. Fuori da questo limite esiste il nemico, cioè, colui che dispone di un'altra ragione.

6 – Perché la costituzione della famiglia portoghese non obbedendo, unanimemente o separatamente a nessun principio di fede è il nostro discredito di nazione d'Europa. Dall'educazione familiare fino a dopo l'educazione ufficiale, incluso il matrimonio, il disordine avanza progressivamente fino alla putrefazione nazionale. E tutto ha origine nell'inconscienza con cui ognuno esiste: in Portogallo ognuno è padre per lo stesso motivo per cui manca la ripartizione. Dalla condizione di celibato allo stato coniugale, avviene esclusivamente, nella nostra terra, un cambiamento di abitudini.

In Portogallo educare ha un significato diverso; in Portogallo educare significa burocratizzare. Esempio: Coimbra. Ma per la maggior parte, il portoghese è analfabeta e in generale è ignorante; all'unanimità il portoghese è impostore, prova evidente di deficienza.

7 – Perché la denazionalizzazione tra noi è una verità, e peggio ancora, senza energie che la rendano inutile né tentativi che la trattengano:

- a) Il portoghese con tutte le sue qualità di poliglotta si denazionalizza immediatamente al di fuori della patria, e persino nella propria patria, perché (con il nostro analfabetismo disastroso) la nostra letteratura si riassume in una manciata di studiosi ben intenzionati la cui opera, non soddisfacendo le ambizioni più audaci, obbliga il ricorso a letterature straniere. Risultato: ancora nessun portoghese ha realizzato il vero valore della lingua portoghese.
- b) Il portoghese educato senza il sentimento patriottico e abituato al disordine dei governi ha creato per sé l'inutile compensazione di dire male dei governi e non ha risparmiato il paese. Viene ritenuta addirittura prova di intelligenza o di aver viaggiato, parlare male della patria. Questa non è più decadenza quanto piuttosto impotenza fisica e sessuale.
- c) Il portoghese assimila preferibilmente tutte le varietà di importazione e a discredito delle proprie meraviglie regionaliste; il commercio e l'industria si devono quasi sempre mascherare di straniero per essere davvero lucrativi. È perché tutte queste varietà di importazione adempiono meglio alle esigenze dei mercati rispetto ai nostri commerci e alle industrie regionaliste. Queste non soddisfano né le necessità né le trasformazioni successive delle società, mentre l'importazione sembra sempre come una sorpresa e, soprattutto, obbedisce a tutte le condizioni di ciò che è utile, pratico, attuale e necessario. In modo che non vi è nemmeno bisogno di uno scontro – l'importazione entra subito con l'etichetta di vittoria.

8 – Perché quando il Portogallo non è un paese di vagabondi è un paese di dilettanti. *La fede della professione*, cioè *il segreto del trionfo dei popoli*, è assolutamente estraneo all'organismo portoghese, da cui risulta questa continua atmosfera di tedio che trabocca di qualsiasi rassegnazione. Anche il portoghese non sente la necessità dell'arte come non sente la necessità di lavare i piedi.

E la letteratura con tutta la sua grammatica svenevole e misticcheggiante, rappresenta uno svago più che la necessità di non essere ignoranti. Da qui la miseria morale che traspare in tutte le manifestazioni della vita nazionale e in tutti gli aspetti della vita privata.

9 – Perché il Portogallo che continua a dormire, da Camões in poi, ancora non conosce il nuovo significato delle parole. Esempio: patria vuol dire oggi equilibrio degli interessi commerciali, industriali e artistici. In Portogallo questo equilibrio non esiste perché commercio, industria e arte non solo non si relazionano quanto perfino si isolano perché completamente spaventati dal disordine dei governi. La parola avventura ha perso tutto il suo significato romantico, e ha guadagnato in valore effettivo. Avventura oggi significa: il Merito del tentativo industriale, commerciale o artistico.

10 – Perché l'aspetto generale degli individui emana un rantolo che sa di marcio. Il Portogallo, una risultante di tutte le razze del mondo, non ha mai avuto il beneficio di un incrocio utile perché le belle razze si sono isolate completamente. Esempio: le *varinas*.

Il portoghese, come i decadenti, conosce solo i sentimenti passivi, la rassegnazione, il fatalismo, la pigrizia, la paura del pericolo, il servilismo, la timidezza, e addirittura l'inversione. Quando è virile si manifesta istintivamente animale alla pari del suo analfabetismo primitivamente anti-igienico.

È necessario creare il culto dei muscoli contro la sfilata affamata e indebolita delle istruzioni militari di preparazione numeri da 1 a 50.

È necessario creare lo spirito di avventura contro il sentimentalismo letterario dei *pas-sadisti*.

È necessario creare le attitudini per l'eroismo moderno: l'eroismo quotidiano.

È necessario distruggere questo nostro atavismo alcolico e sebastianista di lungo-mare.

È necessario distruggere sistematicamente tutto lo spirito pessimista proveniente dalle inevitabili disillusioni delle vecchie civiltà del sentimentalismo. [...]

È necessario sostituire l'ammirazione e l'esempio per i vecchi nomi di Camões, di Victor Hugo, Dante e con i Geni dell'Invenzione: Edison, Marinetti, Pasteur, Elchriet, Marconi, Picasso, e il sacerdote portoghese Gomes Himalaia.

INFINE: è necessario creare la patria portoghese del XX secolo.

DICO PER LA SECONDA VOLTA: è necessario creare la patria portoghese del XX secolo

DICO PER LA TERZA VOLTA: è necessario creare la patria portoghese del XX secolo.

Per creare la patria portoghese del XX secolo non sono necessarie formule o teorie; esiste solo un obbligo urgente: se siete uomini siate Uomini, se siete donne siate Donne del vostro tempo.

Voi, oh portoghesi della mia generazione, che, come me, non avete alcuna colpa di essere portoghesi.

Insultate il pericolo.

Scagliatevi verso la gloria dell'avventura.

Desiderate il massimo.

Dispensate le pacifiche e zoppe ricompense della longevità.

Divinizzate l'Orgoglio.

Pregate la Lussuria.

Fate predominare i sentimenti forti su quelli piacevoli.

Abbiate l'arroganza dei sani e dei completi.

Fate l'apologia della Forza e dell'Intelligenza.

Fate risvegliare il cervello spontaneamente geniale della Razza Latina.

Tentate voi stessi di essere l'Uomo Definitivo.

Abbandonate i politici di tutte le opinioni: il patriottismo condizionato degenera e sporca; il patriottismo disinteressato glorifica e eleva.

Fate l'apoteosi dei Vincitori, qualunque cosa voglia dire, basta che siano Vincitori. Aiutate a morire i vinti.

Gridate nelle ragioni delle vostre esistenze che avete diritto a una patria civilizzata.

Approfittate soprattutto di questo momento unico in cui la guerra in Europa vi invita a entrare nella Civiltà.